

ENSAIOS CONTEMPORÂNEOS EPISÓDIOS – DANÇAS URBANAS

01:01:23:03

Renato Cruz – Diretor e Coreógrafo da Cia. Híbrida

O conjunto das danças urbanas são técnicas, são modos de dançar, são vários estilos; cada estilo com a sua história, com os seus passos e seus fundamentos. Enquanto que dança contemporânea, na verdade, ela extrapola o conceito de técnica. A dança contemporânea tá mais no campo das ideias, do conceito, do que no campo de uma técnica, tanto que acho que não é possível você falar em uma técnica de dança contemporânea, você fala em técnicas, em modos de pensar e mover na dança contemporânea. E eu acho que as danças urbanas são danças contemporâneas por definição. Até hoje elas estão em constante estado de produção e transformação, ou seja, se criam novas danças urbanas hoje. A dança urbana é um bebê.

01:02:19:19

ABERTURA

01:02:43:28

Flavia Meireles – Artista, Pesquisadora e Professora

A partir do momento que dança contemporânea é invenção de linguagem e é confluência e embate de várias técnicas, as danças urbanas tão aí. Aí assim, faz sentido fazer, por um lado, essa diferenciação, porque as danças urbanas têm o seu lugar central de atuação na rua, em estreita relação com as comunidades e com a cultura urbana. Mas, por outro lado, a dança contemporânea invade e é invadida por esse lugar das danças urbanas.

01:03:40:10

Luciana Monnerat – Bailarina da Cia. Híbrida

Culturalmente, a galera de danças urbanas, a gente aprende a dançar em treino e em festa não é um formato tão acadêmico assim. É óbvio que hoje em dia a gente tem as coisas mais catalogadas, é mais fácil e é possível também você ser um aluno de academia e aprender a dançar danças urbanas, qualquer que seja ela, qualquer estilo dentro de danças urbanas. De, tipo assim, de 90 pra 2010, do final de 90 pra 2010, que foi a galera que começou a tipo estudar, pesquisar, entender essas danças, porque não é uma cultura nossa, a gente importou ela. E a gente tem o nosso jeito brasileiro de fazer as coisas, mas assim, quando isso chegou aqui era totalmente importado. Então assim, culturalmente, a galera dessa época aprendeu a dançar mais em festa, porque é uma cultura de festa também, tá diretamente ligado à música e em treino. O treino, ele é esse espaço que você junta uma galera, coloca um som e a galera vai praticando e trocando informação. E não necessariamente você tem aquela hierarquia do professor, aluno, de uma sala de aula. É uma troca mais horizontal, né?

01:05:12:04

Tiago Sousa – Assistente de Direção e Bailarino da Cia. Urbana de Dança

Comecei a frequentar o baile charme lá do viaduto de Madureira, que é um clássico até hoje. Tinha na época, em Marechal Hermes, o Disco Voador, lá em Marechal Hermes. Eu tinha um amigo na época, a gente dançava muito junto. Aí o que a gente fez? Começou a dar aula em condomínio: “Pô, vamos ensinar isso aqui?”. E aí a gente vem vindo, aí eu comecei a dar aula em escola de dança também, a gente começou a se apresentar. A gente ia muito pra festa black e tudo mais, e em uma dessas festas

eles me apresentaram a Sônia - Sonia tinha acabado de chegar da Alemanha, ela tava morando na Alemanha há uns 12 anos já. Me deram currículo dela, tá lá "Claudinho e Buchecha; Xuxa; Angélica; era que ensaiava a galera do N'Sync lá fora e tudo mais, ela não coreografava mas ensaiava os caras; trabalho com Marvin Smith e tal, não sei o que". Eu falei: "Cara, sempre quis montar minha companhia; conheci a Sonia; Sônia quer voltar pra Alemanha. Pô, não vou deixar a Sonia voltar pra Alemanha, vou propor pra ela da gente fazer uma companhia, criar uma companhia". Nisso, ela falou: "Pô, Tiago, aqui não tem dançarino, eu vim da Alemanha, aqui a gente não consegue montar as coisas, um ano você tem trabalho e outro ano não tem"; aí eu falei "hip-hop" aqui pra galera quando eu cheguei e a galera falava: "hip o quê?". Então ficava essa coisa. Eu falei: Ela: "Não tem dançarino. Nessa cidade não tem dançarino". Eu falei: "Sonia, tem dançarino, eu vou arrumar os dançarinos, pode ficar tranquila. Você me dá só a oportunidade da gente criar, se não der certo você volta pra Alemanha" e graças a Deus deu certo

01:07:01:12

Sonia Destr – Diretora e Coreógrafa da Cia. Urbana de Dança

Eu vivo de parceria. Acho parceria uma coisa muito legal. Em algum momento, durante o percurso da companhia, eu descobria que não era mais sobre mim, que não era mais eu. Ter meu nome nessa companhia - que muita gente tem o seu próprio nome na companhia não me interessava. Me interessava em que eles vão se transformar, me interessava nas mudanças que eles vão fazer interna e externamente mesmo, não só aqui na companhia, mas no quarteirão. Então eu, em algum momento, parei de fazer questão que os braços fossem o que eu tava desenhando. Se o braço deles já era uma coisa que em emocionava muito mais, eu parei dessa coisa do criador que quer que seja. Quer dizer, claro que tem minha mão, claro que tem minha linguagem, claro que os plurais e as coisas todas vieram a partir da convivência, mas se a peça não é boa porque eu acabei me perdendo na história, mas se eles são lindos, seja de que maneira for, é a única coisa que me interessa.

01:08:20:07

Sonia Destri – Diretora e Coreógrafa da Cia. Urbana de Dança

Podemos começar aqui. Julio fica aqui. Se não é. É, mas não é... Tá vendo? Eu não sei se é e aí volta pra história. Porque tem uns respingos de uma insanidade, tem uns respingos. É, mas olha só cuidado pra não ser o já esperado. "Não me encosta, não me encosta", sabe? Não é, é o movimento grandioso que te tira do já esperado, porque você tá ali, "o Feijão sempre faz um solo nos trabalhos da Sonia", não sei o que. E não, é o Feijão; aí de repente tem o expira, tem o furacão, tem o moinho que te leva [expira] e que sai.

01:09:42:01

Renato Cruz – Diretor e Coreógrafo da Cia. Híbrida

Eu dava aula num projeto social no complexo do Turano. A gente fazia uma aula uma vez por semana e essa aula que serve pra um monte de coisa, pra socializar, não serve pra dança de fato. Aí eles ficaram muito empolgados, eles queriam ter um grupo, queriam fazer camisa, sabe? Estavam inventando nome pra companhia, pro grupo. E na época o lugar que a dança urbana ainda ocupava era muito o lugar do festival competitivo, o festival competitivo, de certa forma, ele tá no lugar da formação. E eu já tinha passado por isso, eu já sabia onde dava, entende, eu vi muitos grupos nascerem, crescerem, ganharem todas as competições e morrerem, sabe? Acabarem, os grupos acabarem porque é como se não se conseguisse passar disso. Tá, e aí? Só que eles queriam muito ter grupo e aí eles: "pô, a gente tem que fazer a companhia", eu falei: "então tá bom, vocês querem abrir uma companhia? Eu vou abrir uma companhia. E tamo em dezembro agora, descansem porque em janeiro a gente vai ter aula todo dia, todo dia a gente vai ter aula. Companhia é outra parada. Beleza?", "beleza". E isso eu tinha 20 na turma. Janeiro quando voltou na primeira semana já uns oito... Na primeira semana já: "olha, acho que não é

isso que eu quero". E normal, adolescentes, não é? Mas ficou um... Ficaram algumas pessoas e com essas pessoas a gente começou um trabalho de formação mais forte mesmo

01:11:22:04

Aline Teixeira – Assistente de Direção da Cia. Híbrida

Eu tava na faculdade e eu comecei a entrar em contato com alguns grupos de dança de fora da faculdade, de dança de rua, que ensaiavam em academias e em clubes, em alguns lugares ou até na rua, que se encontravam pra treinar e iam pra festivais competitivos. Então eu conheci o Renato numa dessas companhias que eu entrei pra dançar. Foi em 2011 que a gente tava no mesmo grupo e aí eles tinham se reunido pra ir pra um festival, que é o festival de Joinville. E a gente começou a dançar junto ali e dali pra cá a gente continuou, na verdade eu tava na faculdade, o Renato dançava em grupos e depois de um tempo ele se interessou também de aprofundar os estudos. Acho que foi aí que a gente conseguiu dar continuidade, porque muitas questões que eram minhas questões viraram dele também. A gente ficou... Conseguiu a choque dar prosseguimento a nossa parceria por conta dessas questões que a gente tinha em comum.

01:13:09:21:29

VINHETA – ESTAMOS APRESENTANDO

01:13:24:25

VINHETA – VOLTAMOS A APRESENTAR

01:15:00:107

Sonia Destri – Diretora e Coreógrafa da Cia. Urbana de Dança

O meu processo criativo é muito do desejo da necessidade ali, conversando. Eu normalmente penso no que estaria... O que seria uma boa hora para a gente falar do que. Então a gente veio de outras peças muito mais fáceis, easy going, muito mais urbanas, muito em cima da linguagem que eles só conheciam que era a dança de rua e o hip hop, que era tudo muito ainda cópia fiel do que se via na televisão. Hoje a gente conversa. Então isso é o start. E aí eu converso com eles, eu proponho coisas, eu trago textos. Falei muito do Caio Fernando Abreu que eu tinha lido uma crônica dele sobre o olho do furacão, eu achei que tinha tudo a ver com a gente, também fala de abismo. A gente, hoje, ensaia uma peça de 2017, toda feita em 2017 que chama "Esse cinco passos para não cair no abismo", e é exatamente isso. Poderiam ser mais passos ou menos passos, mas a relação é com o abismo, a relação é com... O olho do furacão e esse que a gente não quer passar nem perto. Mas assim, a peça é essa. A peça foi feita coletivamente. Então hoje, pra mim, interessa muito mais o quê que esse corpo que só conheceu a dança de rua tem pra falar hoje. Então assim, eles saberem que isso é a partir deles e por eles e porque eles existem, esse é o meu processo de criação.

01:17:02:13

Beatriz Cerbino – Professora e Pesquisadora em Dança

O dialogo das danças urbanas com a dança contemporânea no trabalho da companhia urbana de dança é fundamental porque a companhia é isso, é essa busca sem parar de tentar entender como essas danças urbanas elas são também dança contemporânea, como isso é percebido no corpo, nos corpos daqueles bailarinos. Como isso é, na verdade, a vivência, a vida daqueles bailarinos. Isso é muito interessante porque é o que ela traz, a Sonia, traz pra cena e o que aqueles bailarinos trazem pra cena, porque é o dia a dia deles, é o que eles vivem, é o que eles passam, é o que eles trazem pro palco, e isso a gente percebe, não é simplesmente o hip hop, ou uma cultura urbana, ela é também uma cultura contemporânea, uma dança contemporânea.

01:18:41:06

Luciana Monnerat – Bailarina da Cia. Híbrida

Os processos de criação do Renato, eles são conduzidos de forma colaborativa, as propostas que eles traz, os jogos que a gente faz pra iniciar as criações, eles sempre favorecem a todos nós no sentido de a gente colocar o que a gente tem de informação do nosso corpo, da nossa cabeça e uns dias que a galera tá mais na verborragia corporal e que consegue trazer mais coisa, e tem dias que essas pessoas as vezes não trazem tanta coisa, da mesma forma que tem dias que os mais quietinhos as vezes estão mais inspirados e trazem mais coisas. Então assim, de maneira geral os processos, eles são muito equilibrados nesse sentido. Dentro da companhia, até mesmo quando a gente pegou as peças antigas, as peças que o outro elenco tinha montado, a gente teve um pouquinho de liberdade de colocar um pouquinho da nossa linguagem pra tornar aquela peça orgânica no nosso corpo, a gente pode, a gente teve que colocar um pouquinho do que tinha da gente. Foi incrível assim, não tem o que dizer. O "Olho nu" até agora assim, ainda é uma das peças favoritas assim de dançar.

01:20:29:16

Aline Teixeira – Assistente de Direção da Cia. Híbrida

De 2017 pra cá, a gente tá agora na segunda trilogia, então a gente tem a primeira trilogia que a gente questiona a relação do hip hop com a fragilidade, pensar numa dança que é muito potente e quais são os pontos de fragilidade que a gente encontra em toda essa potência, então a gente construiu uma trilogia sobre hip hop fragilidade com tipos", "Modo Sensível" e "Olho Nu". E quando a gente começou a fazer o quarto espetáculo que era "Non stop", a gente não pensava em fazer uma nova trilogia, que agora já se... A gente já se encaminhou pra isso e que tá mais relacionado a uma trilogia sobre o tempo. A gente começou com o "Non stop". A gente vai estrear agora, essa semana, o "Ininterrupto" e a gente já tem como proposição pra esse fechamento da trilogia o "Contra Fluxo". Então falando sobre questões relacionadas ao tempo, entre outras coisas.

01:21:43:02

Renato Cruz – Diretor e Coreógrafo da Cia. Híbrida

Você vem saindo, mas enquanto não chegar nessa momento aí, você tá habitando a cena.

01:21:47:05

Bailarino

Mas aí eu tenho que sair quando dá aquele plin plin plin.

01:21:49:07

Renato Cruz – Diretor e Coreógrafo da Cia. Híbrida

É.

01:21:50:00

Bailarino

Ou quando parar tudo?

01:21:50:10

Renato Cruz – Diretor e Coreógrafo da Cia. Híbrida

Na primeira parada você já sabe que você pode... você já pode sair fora.

01:21:53:29

Aline Teixeira – Assistente de Direção da Cia. Híbrida

Tem uns 10 segundos daquele pi pi pi.

01:21:55:24

Renato Cruz – Diretor e Coreógrafo da Cia. Híbrida

Isso é só pra você entender. Cara, se você tiver no meio ainda, você sabe que vai ter que acelerar. Se você já tá aqui, você pode sair com calma. Ok? Meninos. Daniel, Jeft e Russo, só marca as posições ali, do trio de vocês.

01:23:09:21

Renato Cruz – Diretor e Coreógrafo da Cia. Híbrida

Até o momento, assim, e eu falo que até o momento porque isso pode mudar pro futuro assim, eu trago a concepção, eu assino a direção como um todo e a coreografia. Isso significa que, no final das contas, eu tenho que tomar algumas decisões sobre o rumo do processo, quais os materiais, o que fica e o que não fica. A Aline, ela é minha assistente de direção e ela é co-criadora, ela tá desde o começo, quando eu trago a concepção, ela vem, ela lê comigo, ela estuda e ela sugere, entendeu? Assim, e ela produz junto, e ela faz a preparação corporal do elenco. E os intérpretes, eles são intérpretes criadores porque eles criam em conjunto. Não necessariamente eu trago tudo no meu corpo e passo pra eles, entende? Olha eu montei essa sequência aqui. Às vezes as sugestões podem ser textos, podem ser uma ideia que a gente teve de começar assim e assado e como você preenche essa tuído daqui pra cá, entendeu? Então eles são criadores mesmo, eles assinam aquilo ali, eu assino como coreógrafo porque, no fim das contas, eu tenho que tomar algumas decisões, entende? Assim, decisões que por vezes eles não precisam tomar. De repente amanhã, sei lá, a Aline pode querer trazer a concepção de uma coisa dela e vamos lá, e aí eu passo a ser o assistente, entende? E aí ela vai tomar essas decisões. Isso não significa que ela não tome decisões não, entendeu? Assim, tomamos decisões.

01:27:01:22

Sonia Destr

É importante a gente falar que é uma companhia de negros, afro brasileiros mesmo, que vieram da zona de risco, que já saíram dela, mas hoje o Rio de Janeiro se transformou numa imensa zona de risco. Mas os caras estão entendendo que quando são parados pela polícia, não é pessoal, então eles lidam de uma maneira melhor em relação a isso, entenderam que era importante ter cabelo, entenderam que era importante ter uma posição política na vida, seja ela em que prateleira for, entenderam que eles são fundamentais na cena artística, para essa cidade, e pra muitos lugares do mundo assim. A gente já dançou em muitos lugares e as pessoas ficam completamente emocionadas, e olha que a miséria, a angústia, o racismo, o preconceito tá em todos os lugares nesse mudo. E a gente também foi responsável em abrir portas pra outras companhias de dança de rua que nunca tinha entrado nos teatros que a gente teve o prazer de dançar. A gente é muito próximo de ser um projeto social. Só que a escolha foi não ser. Então a gente não é um projeto social, a gente é uma companhia profissional de dança. E pra isso, a gente deveria ter um suporte do governo, a gente deveria ter um patrocinador ali pra... Então a gente não tem isso, mas a gente é uma companhia profissional e isso requer uma série de responsabilidades e coisas. Então assim, a gente entra em cena nesse lugar de companhia profissional e não sinto, nenhum momento, a plateia tendo um olhar condescendente e nem me aceitando ou ganhando a primeira página do "New York Times" porque eu tenho uma companhia de negros, pobres, brasileiros. A gente tem esse compromisso. Então assim, a relação com a periferia, mesmo que eu tenha vindo de muito perto dela, do subúrbio, a relação com a afro descendência, a relação com o racismo, a relação com

preconceito veio a partir deles, com eles. Então pra mim foi maravilhoso, e ao mesmo tempo pra eles, porque eles também não se entendiam como negro possíveis de vitória.

01:29:27:12

Sonia Destri

Na hora que fizer o bloco...

01:29:28:25

Bailarino

Qual? O do meio?

01:29:29:16

Sonia Destri

Esse aqui. Vocês vem pra... Tão aqui...

01:29:30:26

Bailarino

As, sim sim sim. Na sequência.

01:29:38:17

Sonia Destri

Na sequência... Eu acho que ali forma uns dois olhos coreográficos. E aí, onde ficam os três, eu acho que pode fazer uma coisa de troca de lugar, sabe?

01:31:01:11

Bailarino

Vai, Max seis, giro de cabeça, agora. Eu quero agonia morta, sem mão, sem cabeça sem cabeça no chão

01:31:09:15

Bailarino

Que porra é essa? Eu quero sem cabeça no chão.

01:31:54:08

Monica Lima – Pesquisadora e Historiadora

O protagonismo negro não é novidade, o que acontece é que ele tá se tornando mais visível. E nas artes então, se formos ver, temos vários personagens. Só que esses meninos, eles precisam ter esses referenciais positivos na vida deles, porque o que se tem em torno desses jovens negros em áreas populares, são as marcas da marginalidade, da dor. Então é um protagonismo sim. Eles quando estão no palco, esse lugar de artista, isso é maravilhoso, de repente você tá lá na frente sendo aplaudido, sendo admirado por algo que vocês faz com seu talento, com o seu esforço e que toca o coração das pessoas. Eu penso nisso, eu penso no protagonismo negro que se afirma pelo talento artístico. Expressar-se pela dança, pela música, é uma forma de se manter vivo. A arte, ela serve para a gente não morrer, não só fisicamente, porque ela também é um trabalho, mas uma forma de não morrer por dentro.

01:33:39:01

Wilton Bernardes – Iluminador da Cia. Urbana de Dança

A gente percebe muito que o preconceito das pessoas é associado a falta de conhecimento realmente, entendeu? E o legal que você percebe nisso é o exemplo porque as crianças que a gente entende como nosso futuro, elas tão olhando pra eles, tão olhando o cabelo, "pô legal, posso ter um cabelo assim, e sei que não é um cabelo ruim, é o meu cabelo, minha identidade".

01:34:02:20

Julio Rocha – Bailarino da Cia. Urbana de Dança

Em certos lugares, de repente, por exemplo, eu vou lá na comunidade lá, no Valbino, e aí a galera se emociona em ver a gente e a gente se emociona em vê-los dançar. E eu falo "caraca, a minha dança chega ali, é aonde ela chega, o que eu faço, que foi bom pra mim, tá sendo bom pra outro." Entendeu? Então assim, não é só gostar de dançar, é gostar do que a minha dança propõe pros outros também, entendeu? A gente é apenas um link pra dar uma força pra galera, pra dizer: "pô, galera. É bacana". De repente não vai conseguir dançar, mas vai ser um produtor, vai trabalhar na arte, existe muitas vertentes que o cara pode ir, porque é muito bom o artista, e ele é merecedor de ele estar lá na TV, mas sou eu em casa e ele lá, mas quando ele passa na minha rua, e quando eu posso falar com ele, ao invés de pedir autógrafo, falar: "Ó, te vi no Fantástico, posso pedir um autógrafo?", "não, a gente toma uma cerveja ali.

01:35:49:08

Luciana Monnerat – Bailarina da Cia. Híbrida

É normal nas danças urbanas, hoje em dia a gente já vê que o número de dançarinos homens profissionais é muito maior do que o de dançarinas mulheres, entre a galera profissional. Eu acredito que daqui um tempo isso vai ser um pouco diferente, já que em sala de aula, tipo assim, pessoas que estão começando a dançar, a gente vê um número completamente o contrário assim, você vê um número massacrante de mulheres em comparação ao número de homens.

01:36:36:29

Renato Cruz – Diretor e Coreógrafo da Cia. Híbrida

Eu tô interessado em fazer dialogar essa dança que eu produzo, com o que tá acontecendo. E uma das coisas que a gente discute é o lugar dessa mulher dentro da cultura hip hop e na sociedade, assim, como é que ela é vista? Ela é um objeto? Ela existe com uma função? Porque eu tava justamente querendo discutir esse lugar, entende? De ser uma mulher no meio de muitos homens, uma mulher que dentro de... Que nessa sociedade, se espera um comportamento dela, entendeu? Essa mulher que dentro do mercado comercial do hip hop, muitas vezes é relegada ao papel de objeto, entende assim? Dos cliques... Então eu queria trazer aquilo pra discussão, sobre tudo com as meninas que já fizeram parte da companhia, que eram meninas de muita força e a Luciana também é uma pessoa de muita força, entende? Então ela ajuda a gente a quebrar, entendeu? Esse estereótipo, aquilo que se espera ela tenha que fazer.

01:38:11:11

VINHETA – ESTAMOS APRESENTANDO

01:38:26:17

VINHETA – VOLTAMOS A APRESENTAR

01:39:00:15

Sonia Destri

Então a gente veio de "Nêgo". A primeira peça talvez. Mais teatral, mais violenta, mais densa, e aí a gente não recebeu por dois anos seguidos nenhum apoio. E aí eu tive minha primeira conversa com eles, tipo, pra onde vamos? Eu nunca penso em parar. Parar é uma coisa que não faz parte nem da necessidade e nem do desejo. Então a gente resolveu que ia diminuir o salário de todos nós e que a gente ia continuar. Então, a gente passou de... A gente saiu um pouco do umbigo, que a gente podia ficar falando: "ai, esse patrocínio que não vem, esse patrocínio que não vem", mas também a gente continuou falando: "a gente vai resistir". Então a companhia, ela é feita de afeto, amor, talento, beleza angústias e resistência. Porque eu os fiz acreditar que essa companhia ia dar certo, eu os fiz acreditar que ser dançarino era importantíssimo, eu os fiz acreditar que o talento que eles tem, respeitar esse talento era importante e se isso era fazer dança, a gente ia fazer. E a gente ia se transformar nessa companhia sólida. Então não dá pra parar, ninguém quer que a companhia acabe.

01:41:16:18

Tiago Sousa – Assistente de Direção e Bailarino da Cia. Urbana de Dança

A Sonia já vendeu o carro, já perdeu herança de pai já na companhia, tudo, tudo o que tinha pra fazer, pra companhia a gente já fez, pra manter a companhia pra não acabar a companhia, sabe? Por a gente ter criado a companhia, tudo é com a gente, desde pagamento dos meninos, a mandar músicas pra algum programa, a tudo, a ter que falar com produtor musical pra fazer trilha, pra fazer a produção, a logística, fazer projetos que a gente tem o escritório pra gente fazer os projetos. A gente pegou uma parte da casa dela, transformou em um escritório. E a gente faz tudo, a gente lava, passa e cozinha, tem que fazer tudo. Mandar material pros festivais, procurar festivais, catar curador, ver onde os curadores estão, ver as feiras de dança que estão rolando, fazer tudo. Se vender, se vender pro mundo, se mostrar e fazer a companhia funcionar, porque a gente paga salários, tendo patrocínio ou não tendo patrocínio. A gente não tem patrocínio, então todos os cachês que a gente ganha de algum lugar que a gente faz, junta tudo, final do mês salário pra galera, então é muito difícil pra gente viver sem patrocínio. Então é uma outra coisa agora, a gente tem uma outra visão, a gente tem que fazer tudo como um negócio nessa parte da companhia, a parte burocrática, tem que fazer dinheiro. Onde a gente vai fazer dinheiro? Vai dar aula aonde? Onde é que a gente vai se apresentar? Quanto a gente vai ganhar? Como a gente faz ali? Um desfile de moda, um não sei o que. Pá, pá, pá. Pra tentar fazer dinheiro pra pagar a galera.

01:43:10:10

Renato Cruz – Diretor e Coreógrafo da Cia. Híbrida

A gente está vivendo um momento no Brasil, entendeu? Em que as instituições estão sendo desacreditadas. Os artistas estão sendo diminuídos, entendeu? Há quem compare artista a vagabundo. Então assim, tem que ser uma escolha muito pensada, mas ainda é uma escolha do coração, entende? Porque se você pesar os contras, você não sai do lugar, você não faz, entende? Então assim, existe um desejo que segue nos movendo, e sobretudo no sentido de resistência, porque é o lugar da resistência contar o embrutecimento, sabe? O embrutecimento do olhar, dos sentidos e é nesse lugar que eu acredito na mudança também, então eu acredito muito na micro política, na micro política das relações, entende? Assim, é na cena, é na sala de aula, é no dia a dia, é no hospital, sabe? Desse ponto de vista, não tem como dissociar o trabalho que a gente faz do social, entende? É social porque é político, é político o tempo inteiro. Porque a gente vai seguir acreditando, enquanto tiver vivo que há possibilidade de mudança.

01:45:35:03

Bailarino

Essa é a minha session.

01:45:38:00

Aline Teixeira – Assistente de Direção da Cia. Híbrida

Nesse 11 anos de companhia foram muitas conquistas, né? Se a gente pensa lá no início que a gente começou a companhia, a gente ensaiava numa sala na igreja, e dava aula pros alunos e era uma salinha que tinha umas cadeiras, e a gente afastava e era ali que a gente ensaiava e que a gente começou o primeiro trabalho, que depois a gente foi conquistando outros espaços, foi conseguindo residência no centro coreográfico, então assim, a gente sai de um lugar amador, e a gente consegue conquistar um lugar profissional. Eu acho que a gente conseguir perdurar mais de 10 anos dentro de uma companhia com uma proposta de pesquisa de dança, de relação entre a dança urbana, e a dança contemporânea ou outras linguagens já é muito, assim, é uma conquista muito grande, né? Tem anos que a gente consegue alguns editais, tem ano que a gente não consegue, então é um trabalho de resistência o tempo todo, né?

01:47:06:11

Renato Cruz – Diretor e Coreógrafo da Cia. Híbrida

Quando eu comecei a dançar, lá no início eu não queria trabalhar com isso, entende? Eu só não conseguia mais parar de fazer aquilo. Quando eu montei a companhia, eu não queria montar uma companhia, mas eu já tava num caminho que eu não tinha outra escolha que não montar essa companhia. Eu não penso em parar, eu me sinto num caminho em que eu não tenho outra, não é uma questão de escolha, são muitos os desafios, entende? Então, sei lá, é uma necessidade, uma necessidade de continuar produzindo, entende? Às vezes pode soar meio maldição porque o processo de criação às vezes, ele é muito angustiante mesmo, você sair da sala e falar assim: "não sei o que eu tô fazendo aqui, eu não sei como é que eu vou sair disso aqui", ao mesmo tempo, quando você consegue a chave da coisa, o prazer que eu sinto é você explicar, sabe, de ver a coisa ali e ver todo mundo tão se apropriando daquilo ali, vibrando junto, sabe? É uma das experiências mais fortes de coletivo, sei lá. A experiência de coletivo produzindo algo na mesma direção, com todo mundo olhando junto, com todo mundo acreditando muito, botando muita fé naquilo ali, sabe? Botando muita fé, sabe? Tem muito sonho ali, cara. Tem muito sonho ali, tem muito desejo, tem muito sonho, sabe?

01:49:23:02

CRÉDITOS FINAIS